



## A poesia satírica de Generino dos Santos no jornal *O Trabalho*

### *The Generino dos Santos' Satiric Poetry in O Trabalho Newspaper*

Isabela Melim Borges

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina/Brasil  
isamelim74@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-2934-5072>

Alckmar Luiz dos Santos

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina/Brasil  
alckmar@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-7896-0103>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo apresentar e discutir alguns poemas de Generino dos Santos publicados no periódico *O Trabalho* (PE), em 1873. O poeta participou ativamente da Escola do Recife, publicou e editou periódicos que visavam questionar o *status quo* brasileiro daquele período, ou seja, Generino dos Santos era um republicano, abolicionista e positivista que defendia, entre muitas coisas, o estado laico. N<sup>o</sup> *O Trabalho* (1873), ele publicou poemas satíricos que objetivavam criticar, por meio da sátira, a realidade recifense da época. Então, por meio da ficcionalização como modo de lidar com essa sátira mais distante do leitor atual e quanto aos elementos extraliterários, este texto trabalha com três propostas representadas pelos poemas de Generino: 1) poemas em que aparecem tais elementos e são reconhecíveis; 2) poemas em que se identifica a presença desses elementos, mas não se consegue fazer sua identificação; 3) poemas em que a generalidade é tanta que esconderia uma presença de elementos contextuais específicos.

**Palavras-chaves:** Generino dos Santos; poesia satírica; ficcionalização.

**Abstract:** This paper aims to present and discuss some poems by Generino dos Santos published in *O Trabalho* (PE) newspaper, in 1873. The poet actively participated at Escola do Recife, published and edited periodicals that questioned the Brazilian *status quo*'s period, in other words, Generino dos Santos was a republican, abolitionist and positivist who defended, among many other things, the laic state. In *O Trabalho* (1873), he published

satirical poems that had criticized, through satire, the Recife reality of that time. So, through fictionalization as a way of dealing with this satire more distant from the current reader, this text works with three proposals represented by the poems of Generino, regarding the extraliterary elements: 1) poems in which these elements appear and are recognizable; 2) poems in which the presence of these elements is identified, but it is not possible to identify them; 3) poems in which the generality is so vast that it would hide the presence of specific contextual elements.

**Keywords:** Generino dos Santos; satiric poetry; fictionalization.

## 1 Introdução

No último terço do século XIX, o pensamento intelectual brasileiro passou por movimentos de renovação, entre os quais se destaca aquele que teve sua gênese na Escola do Recife e que foi influenciado pela filosofia alemã a partir de Kant, através de Tobias Barreto, assim como pelo Positivismo de Auguste Comte. Sílvio Romero foi dos primeiros a apontar para esses movimentos. Vale ressaltar que também se faziam presentes o Darwinismo e o Evolucionismo. E tais debates filosóficos, mas também políticos e literários, se davam através de revistas e jornais, sendo que muitos desses foram fundados justamente para dar abrigo a tais ideias, fazendo de caixa de ressonância para um pensamento que se queria não apenas teórico, mas atuante.

Retomando Sílvio Romero, Antonio Candido, no seu *Formação da Literatura Brasileira*, menciona a efervescência de novas ideias num ambiente em que a Escola do Recife era a produtora e a difusora de um pensamento social, calcado em concepções teórico-filosóficas que mesclavam Positivismo e Evolucionismo. Da Escola do Recife, se originaram figuras importantes que movimentaram a cena intelectual e literária brasileira daquele período, como Isidoro Martins Júnior e Generino dos Santos. Tanto Martins Júnior quanto Generino escreveram em jornais importantes da virada do século XIX para o XX e se declararam positivistas, republicanos e abolicionistas, mas, relegados ao esquecimento por parte dos historiadores da literatura, são mencionados apenas como “rastilho da explosão que será Augusto dos Anjos” (CANDIDO, 2009, p. 606).

Por seu turno, Martins Júnior, durante o seu curso na Faculdade de Direito do Recife, aproximou-se de Clóvis Beviláqua, tendo com ele redigido *Vigílias literárias* (1879 – críticas e versos) e *O Escalpo* (1881 – ensaios), além de ter colaborado no jornal *Ideia Nova* (1881). Foi igualmen-

te influenciado por Tobias Barreto em poemas esparsos que publicou em jornais de Pernambuco e do Rio de Janeiro. São exemplos que mostram como todo esse movimento intelectual foi discutido insistentemente nos periódicos da época, através de prosa ou de poesia, de textos jornalísticos ou literários. Para exemplificar as ideias que então borbulhavam, eis um excerto do *Diário de Pernambuco*, de 15 de novembro de 1881, assinado por Isidoro Martins Júnior:

[...] “adaptarem-se ou morrerem”. Digo isto porque estou convencido, certíssimo, de que a poesia científica, anti-negativa, construtora, há de ser com certeza um dos elementos do nosso meio literário por vir. Com efeito: quem sabe alguma coisa dos princípios filosóficos assentados na França por Augusto Comte e propagados na sua parte sã por Emílio Littré, sabe também (e o conhecimento da influência dos meios confirma) que a cada uma das três fases ou estados principais da evolução sociológica corresponderam sempre, e correspondem ainda hoje, uma certa concepção da política e uma certa concepção da arte. E mais ainda: que o período de ciência ou estado positivo a que chegaram hoje os povos do Ocidente, assim como deve corresponder no Estado a República, deve corresponder nos domínios da Estética – a idealização dos fatos científicos e dos sentimentos filosóficos. E assim é, nada mais justo do que a conclusão a que eu cheguei: afirmar, por um lado, os estudos fisiopsicológicos no romance e no drama atuais, e, por outro, a intenção ou o desejo de produzir sentimentos altruístas e novos, com uma ou muitas leis positivas por fundamento, na Poesia.

O autor mescla ideias sobre a literatura – mais especificamente, sobre a poesia – a elementos de política e de filosofia, assumindo explicitamente uma postura prescritiva sobre o fazer poético que pretende mostrar aos literatos e intelectuais que, de ora em diante, seria “adaptar ou morrer”. Ele acreditava que a base da poesia do futuro seria científica e todos precisavam seguir esses preceitos, e que, da filosofia comtiana, apenas o viés defendido por Littré teria validade; ou seja, Martins Júnior defendia o lado ortodoxo do Positivismo (BORGES, 2020, p. 52)<sup>1</sup>. Continuando a fa-

---

<sup>1</sup> Comte, por volta de 1850, admite que apenas o conhecimento racional não era o bastante para construir uma sociedade diferente, o que o fez direcionar a sua política positiva para a Religião da Humanidade, produzindo, assim, um deslocamento de um sistema sociológico para um sistema que enfatizava a moral. Com isso, uma parcela de seus seguidores não

zer um paralelo entre a política e a arte, o poeta admite que ambas tinham uma mesma base filosófica que apontava para sua função necessariamente moralizadora, principal base da educação. Martins Júnior, para além de uma discussão literária e filosófica, já admitia o que hoje é sobejamente conhecido: as estritas semelhanças entre a República (que estava prestes a ser proclamada) e uma idealização positivista da forma de governo.

Essas ideias trazidas por Martins Júnior ilustram, em boa conta, os principais debates travados, em jornais da época, pelos intelectuais daquele momento. Eram reflexões que queriam romper o *status quo* e que, por isso, questionavam a monarquia e, por conseguinte, o movimento literário então ainda em voga, o romantismo.

Sílvio Romero afirma que essa nova fase literária, muito influenciada pelo pensamento positivista-científico e que se queria antirromântica, apresenta uma diversidade extrema:

Satanistas, científicistas, socialistas, pessimistas, parnasianos, impressionistas, simbolistas, decadentes, realistas, naturalistas, cerrados batalhões de toda essa gente têm talado os campos onde alardeou grandezas o velho romantismo. Mesmo entre nós nos últimos vinte anos, e este é também um dos sinais dos tempos, várias camadas de poetas sucederam-se imbuídos, eivados mais ou menos daqueles ideais (ROMERO, 1954, tomo V, p. 1764).

De seu lado, Regina Zilberman nos dá uma visão mais homogênea desse movimento, quando admite que o pensamento positivista se concretizou no Brasil, através “do pendor realista, avesso aos devaneios do romantismo e fundada na pesquisa dos efeitos do meio e da hereditariedade sobre as pessoas” (ZILBERMAN in MOREIRA, 2003, p. 117). Ora, temos aqui, novamente, a tensão dialética nunca resolvida entre singular, particular e universal, que marcam sempre os estudos literários. Embora pareçam

---

aceitou a proposta. “Émile Littré, um dos seus mais fiéis discípulos, insatisfeito com essas novas tendências, que levariam à religião da humanidade e a uma ditadura positivista, foi o primeiro a se afastar do mestre, assim como John Stuart Mill. Littré se mantém leal apenas ao Curso de Filosofia Positiva; já Pierre Laffitte é o discípulo fiel que ocupará o cargo de ‘diretor espiritual’ do sistema filosófico comtiano após a morte de seu fundador” BORGES, Isabela Melim. *Do positivismo ao esoterismo: uma outra leitura da poesia brasileira na virada do século*. Orientador: Profa. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo. 2020. 259 p. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215815?show=full>. Acesso em: 16 fev. 2021.

juízos contraditórios, os de Sílvio Romero e de Regina Zilberman, não são necessariamente, quando analisamos a literatura contemporânea dessa “revoada de ideias”. A depender do que se examina, ela parecerá mais ou menos homogênea: nos panoramas de história literária, a necessidade de sistematização leva a se desprezarem especificidades importantes, em prol de uma visão de largo alcance; na análise individualizada de obras ou de escritores, a necessidade de desenhar a singularidade destes ou daquelas acaba dando origem à diversidade acima mencionada, entrevista por Romero. No caso aqui em questão, pendemos para o estudo (particularizador, ressalte-se) de produções literárias de um poeta, Generino dos Santos, nos limites de um periódico de não tão longa duração, *O Trabalho*. Se a “revoada de ideias” pode ser entendida como o movimento geral que conforma aquela época e marca os intelectuais que nela produziram, a análise assim delimitada da obra de um escritor pode nos fazer entender melhor e mais profundamente como as generalidades de uma época, quando não são entendidas como um *Zeitgeist* determinista e pouco convincente, se materializam efetivamente em produções individuais.

Pois bem, era justamente em meio a todas essas mudanças de pensamento que estava Generino dos Santos<sup>2</sup>. De acordo com Sílvio Romero, ele fazia parte do movimento de renovação iniciado no Recife a partir de 1862: “invadindo a década de 70, o ‘realismo’ de Celso de Magalhães, Generino dos Santos e Sousa Pinto [...]” (1954, p. 283). Entretanto, menos citado nos compêndios de história da literatura do que Isidoro Martins Júnior, Generino é um nome praticamente invisível pela historiografia literária, tanto quanto é ignorado pela crítica. Não o encontramos em Alfredo Bosi, nem na história literária delineada por Antonio Candido em seus vários ensaios, tampouco nos escritos de Afrânio Coutinho, na história de Nelson Werneck Sodré, em Ronald de Carvalho, em Luciana Stegagno-Picchio; apenas Wilson Martins o cita, mas sem muitos detalhes, tanto na sua *História da inteligência brasileira* (2010), quanto em *A crítica literária no Brasil* (1983); encontramos poucas referências também em Aderaldo Castelo.

---

<sup>2</sup> Generino nasce Adolfo Generino Rodrigues dos Anjos e é tio paterno de Augusto dos Anjos: “filho legítimo e primogênito de Alexandre Rodrigues dos Anjos e d. Francisca Augusta Pessoa dos Anjos, tendo tomado o apelido Santos em homenagem à família brasileira de minha avó paterna”; [...] (SANTOS, 1937, p. XVII).

## 2 O jornalismo de Generino

Generino dos Santos nasceu na cidade do Recife em 2 de outubro de 1848, formou-se, em 1871, em ciências jurídicas e sociais na Faculdade de Direito daquela cidade. Dois anos depois, ele e seu amigo Antônio de Souza Pinto fundaram o jornal *O Trabalho* (PE) e, ainda nesse mesmo ano, Generino passou a editar o jornal *O Escorpião* (PE). Em 1873, junto com Aníbal Falcão e com Antônio de Souza Pinto, Generino trouxe à luz a revista satírica semanal *O Diabo a Quatro* (PE). Além de publicações nesses e em outros periódicos de maior visibilidade, ele deu à luz o livro *Poemas Modernos* (1877), único em vida. Como obra póstuma, temos as *Humaníadas* (1938), que foram publicadas pela Tipografia do Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, de 1938 a 1940. De acordo com a vontade de Generino (expressa em testamento que aparece no primeiro volume), as *Humaníadas* seriam publicadas em 12 tomos, o que acabou não ocorrendo – estão disponíveis apenas sete volumes na Biblioteca Nacional e não há informações sobre os tomos faltantes.

Voltando aos periódicos, Generino escreveu em muitos deles: *Diário de Notícias* (RJ), *Diário de Pernambuco*, *Gazeta de Notícias* (RJ), *Jornal do Comércio* (RJ), *Novidades* (RJ), *O Besouro* (RJ), *O Mequetrefe* (RJ), *O País* (RJ), *O Século* (RJ). Além de outros, de pouca circulação, como: *A Província* (PE), *A Província do Espírito Santo* (ES), *Brazil Americano* (RJ), *A Terra da Redenção* (RJ), *A Academia de São Paulo* (SP), *Correio Paulistano* (SP), *Gazeta de Petrópolis* (RJ), *Gazeta de Campinas* (SP), *O Monitor* (BA), *Ensaio Literário* (PE), *A Ideia* (PE), *O liberal Acadêmico* (PE), *A Opinião Nacional* (PE), *Revista mensal do Grêmio Científico* (PE), *O Scorpião* (PE), *O Lábaro* (PE), *A Autoridade* (PE), entre outros. Em todos esses veículos havia publicações de e sobre o escritor, o que demonstra cabalmente que foi lido na Bahia, em Pernambuco, no Espírito Santo, no Rio de Janeiro e em São Paulo (capital e interior), ou seja, ele foi conhecido no meio intelectual e literário da época.

No que respeita a este artigo, o foco está na apresentação e na discussão do Generino poeta, publicando com seu nome e também sob o pseudônimo de Juvenal, no periódico por ele fundado e editado, *O Trabalho*, que circulou entre abril e setembro de 1873, num total de onze edições. Esse jornal foi idealizado e mantido pelo grupo *Boêmia Literária* e consistiu, na avaliação de Rangel Sampaio, em “uma importantíssima revista literário-científica”, com grande participação dos demais membros do *Boêmia* (entre eles estavam Sílvio Romero e Celso de Magalhães), além

de nomes alheios a tal grêmio literário, mas igualmente relevantes para o cenário intelectual recifense como João Lagos, Clementino Lisboa e Aires Gama. Sobre esse grupo, Rangel Sampaio salientou que

*Boêmia Literária* foi um clube cuja divisa poderia ser como a do filósofo bretão labour and Faith, pois se ela não havia indicada em nossas reuniões, existia gravada em nossos corações. [...] Poder-se-ia dizer que girávamos na área circunscrita de um triângulo formado pelos seguintes ângulos: trabalho, fê, amor à glória. É que nossa fantasia ainda nos deixava distanciar da terra, éramos todos utopistas (MAGALHÃES, 1879, p. 2).

A título de informação, n'*O Trabalho*, foram publicados “Estátua de carne”, de Rangel Sampaio; “Sem título”, de Inglês de Souza (sob o pseudônimo Stenio), “O Romantismo no Brasil e em Portugal”, de Sílvio Romero; “A poesia popular brasileira”, de Celso Magalhães, “Belas-Artes” (Tratado), de Alves Gama; “Uma nova tentativa de metafísica”, de Lagos Júnior; “A igreja livre”, de Ferreira da Silva, entre muitos outros. Eram escritos que tratavam das especificidades daquele momento político e intelectual, que pretendiam, entre outras coisas, questionar as amarras do pensamento pela religião, em prol de uma visão laica, enfatizando, principalmente, uma perspectiva antirromântica do mundo e, sobretudo, da literatura brasileira. Para além das crônicas e textos críticos, também foram publicados poemas de Aureliano Campos, Celso de Magalhães, Souza Pinto, Vitoriano Palhares, Generino dos Santos, dentre outros.

Acerca d'*O Trabalho* escreveu Sílvio Romero: “Era já depois de 1868; nas poesias de Celso de Magalhães e nas *Ideias e Sonhos* de Souza Pinto já se nos depara esta nova tendência, afirmada mais fortemente nos periódicos acadêmicos aparecidos daí em diante, máxime no *Trabalho*. Era o realismo explicável e justo, e não ainda o turbulento atual”<sup>3</sup>. Percebe-se nesse jornal uma tentativa de divulgação das ideias modernas, como os artigos acima mencionados, com destaque para “Uma nova tentativa no campo da metafísica”, “A Igreja livre”, além de “A poesia popular brasileira”, e de muitos outros.

Como já informado acima, n'*O Trabalho*, Generino escreveu também sob o pseudônimo de Juvenal, alternando este com seu nome próprio na autoria dos versos ali publicados. Cabe ressaltar que, em geral, quando

<sup>3</sup> ROMERO, Sílvio. A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, p. 489, out-dez 1879.

o poema é mais elaborado e extenso, seguindo um viés que se mantém em toda a obra, digamos séria, do poeta, é Generino quem assina; é Juvenal que o faz, quando se trata de um poema de ocasião, fazendo crítica, des-cambando para acusações de cunho social ou político. Vejamos:

Privilégio Fúnebre

Não se pode morrer mais nesta terra  
Em que os pobres mortais morrem de fome:  
Pois, se a morte nos vota crua a guerra;  
O que a morte rejeita, o enterro come!  
(Juvenal. *O Trabalho*, 16/06/1873, p. 40).

À Sinhá

Como um raio de luz por entre o gelo.  
Brilha em teu rosto a alma inocentinha:  
Esquiva como a corça, és a andorinha  
Que plaina em torno às tendas do Carmelo.

Rompendo à rósea infância o tênue selo,  
Bem se vê que és do céu; és tão loirinha!  
Mas no anjo a mulher já se adivinha,  
Qual no Oriente o sol que há de ser belo.

Que linda cor! Que olhar azul celeste!  
Um poeta diria em alto estilo  
– Estrela que de nimbo se reveste!  
Não sei Sinhá, se a estrela é cor do Nilo.  
Mas sei que um rosto assim, olhar como este,  
Só se encontra nos quadros de Murilo!  
(SANTOS, Generino. *O Trabalho*, 15/04/1873, p. 8).

Ora, a utilização do nome do poeta latino não é fortuita. Chamado possivelmente Decimus Iunius Iuvenalis, Juvenal viveu entre 55 a 127 d.C. e ficou famoso pelas suas *Saturae*, em que dirige suas diatribes em versos contra os cidadãos de Roma (políticos, nobres, literatos, mulheres, governantes etc.) e, assim, contra a própria cidade. Famoso na tradição satírica ocidental é, ao lado do também latino Marcial, uma das referências clássicas para esse tipo de poesia, não hesitando em utilizar imagens que, de tão despudoradas, foram motivo de escândalo: a nona sátira, por exemplo, foi omitida em traduções do século XIX (JUVENAL; PÉRSIO, 1892). No



Brasil e em Portugal, não foram poucos os escritores que lançaram mão do nome do poeta romano como pseudônimo, enfatizando, evidentemente, a intenção satírica do que produziam pela menção direta ao escritor latino. O *Dicionário de pseudônimos e iniciais de escritores portugueses* (ANDRADE, 1999, p. 159) registra sete ocorrências (além de quatro Juvenais, também aparecem Juvenal Pimenta, Juv e Juvenalis), todos de autores não muito conhecidos. No Brasil, há ao menos dezessete pseudônimos Juvenal, entre os quais frequentadores costumeiros e destacados das histórias literárias, como Artur Azevedo, Bastos Tigre, Joaquim Nabuco, Lúcio de Mendonça e Olavo Bilac.

Indo então ao Juvenal de que nos ocupamos aqui, bem como a seu *alter ego* reverso, Generino dos Santos, temos um total de nove poemas publicados sob o pseudônimo e seis com seu *nom de plume*, n’*O Trabalho*. No caso, nosso foco está colocado naquele primeiro, e o motivo não parece difícil de explicar: a produção satírica de Generino é, por assim dizer, singular no que toca à totalidade conhecida de sua obra. Ao menos até os dias de hoje, não há evidência de outro veículo em que tenha publicado versos desse tipo, sob pseudônimo ou não, até mesmo na revista *O Diabo a Quatro*<sup>4</sup>, publicada naquele mesmo ano de 1873, cujo título põe em evidência a intenção satírica de seus criadores. No que toca aos poemas ditos sérios, assinados diretamente por Generino, uma comparação minimamente aprofundada entre esses que são dados à luz n’*O Trabalho* e os demais de sua produção, seja nos *Poemas modernos*, seja no que foi publicado parcial e postumamente em *Humaníadas*, revela muito mais concordâncias do que discordâncias, estas últimas atribuíveis, quase certamente, ao natural amadurecimento dos versos do escritor.

Tomemos, então, seus versos satíricos. Um primeiro exemplo a ser analisado é o poemeto “Caso de moral”:

---

<sup>4</sup> Ao menos nas edições que sobreviveram ao tempo; não temos notícia de uma coleção completa desse periódico em nenhum lugar.

CASO DE MORAL

—E' da sagrada escriptura  
Que os discipulos de Jesus  
Eram pobres pescadores :  
—Diga-me, Vossa Impostura,  
Como sam grandes senhores  
Os do Hospicio e mais tafues ?

“ E' que elles pescavam almas,  
Nós pescamos os bahus ;  
Vestiam elles os pobres,  
E nós os deixamos nus.,.,

JUVENAL.

*O Trabalho*, 15/05/1873, p. 24.

A linhagem dos poetas anticlericais é numerosa em nossas literaturas de língua portuguesa. Se associarmos a dicção satírica ao anticlericalismo, poderíamos arrolar um antecedente ilustre, Gregório de Matos, chegando a Guerra Junqueiro. Este exerceu notória influência na poesia brasileira da segunda metade do século XIX e início do XX. Os versos acima parecem ecoar o conhecido *calembour* que está n'*A velhice do Padre Eterno*:

Ó Jesuítas, vós sois dum faro tão astuto,  
Tendes tal corrupção e tal velhacaria,  
Que é incrível até que o filho de Maria  
Não seja inda velhaco e não seja corrupto,  
Andando há tanto tempo em tão má companhia.

Há diferenças evidentes entre ambos os poemas, a começar pelos metros utilizados: em Generino, temos a popular redondilha maior; no poeta português, o alexandrino de fatura mais erudita. Contudo, há que se atentar para outra distinção, talvez mais importante: em Junqueiro, o tom generalizante permite aos versos escaparem da necessidade de trazerem explícitos e contextualizados os elementos circunstanciais. Saliente-se que a falta dessa contextualização quase sempre impede uma apreensão mais clara e mais completa das circunstâncias em que se funda a escrita e, com isso, perde-se muito da possibilidade de análise das especificidades

da criação literária. Já nos versos do brasileiro, se Juvenal parece apontar para quem a crítica é endereçada (“os do Hospício”), acaba por criar uma dialética capenga entre singular e universal, pois falta justamente àquele primeiro. Não está identificado quem são “os do Hospício”, tampouco de que “Hospício” se trata. Se este termo está grafado com inicial maiúscula, deve remeter especificamente a um hospital (esse era o sentido do vocábulo, à época). À falta do primeiro, não temos como levantar hipóteses sobre um particular que permitisse alargar a referência crítica a uma classe mais genérica de religiosos. Os leitores ficamos, então, com uma ideia de coletividade (religiosos) sem indivíduos concretamente identificáveis no poema. Parece claro que a expressão “Os do Hospício” foi um piscar de olhos aos leitores da época, que deviam saber exatamente de quê e de quem se tratava. No caso desses seus contemporâneos, a referência indireta é um dos artifícios usados pelos escritores satíricos para associar o prazer da decifração (esse que, exclusivo do leitor, o distingue do poeta) à referência pejorativa (essa que, compartilhada, traz o leitor para perto do poeta). Já para os leitores da posteridade – o nosso caso –, esse prazer é, muita vez, retirado, pois nos faltam justamente os elementos referenciais, as circunstâncias históricas das pessoas, dos fatos e dos locais que seriam assunto da obra literária. Impossibilitados, assim, do prazer da decifração, só nos resta entender o mecanismo por meio do qual nossa perspectiva de leitura deve manter distância mínima da voz poética: nem muito distanciados, a ponto de perder qualquer cumplicidade com a literariedade dos versos; nem próximos em demasia, correndo o risco de não guardar o distanciamento crítico que nos permite analisar com mais profundidade o que lemos. Em outras palavras, faltos de elementos que nos permitem entender com mínima clareza a semântica dos versos, só nos resta buscar um compromisso entre o literário e o literal. E como fazê-lo? É o que pretendemos sugerir na sequência destes comentários. Por ora, vamos voltar aos versos de Juvenal, publicados n’*O Trabalho*.

Também aí aparecem sátiras generalizadas, em que circunstâncias e elementos específicos (pessoas, fatos, lugares etc.) não estão expressos, de que é exemplo o poema “Verso e reverso”:

VERSO E REVERSO

Com Jesus um Jesuíta  
 Se parece pelo envés;  
 Teve aquelle a cruz ás costas,  
 Tem-na este, mas aos pés.

JUVENAL.

*O Trabalho*, p. 72, 15 de agosto de 1873.

É claro que se argumentará que o “Jesuíta” aí referido, também grafado com inicial maiúscula, pode perfeitamente estar remetendo a algum indivíduo específico, conhecido por vários dos leitores da época, mas totalmente ignorado por nós. Sem poder decidir a quem se está referindo, por falta da devida informação contextual, o que resta aos leitores de hoje? Ler a referência como elemento da tradição literária, não como elemento a ser entendido como referência contextual direta e explícita. Explique-se: a figura do jesuíta, desde meados do século XVIII<sup>5</sup>, tornou-se uma espécie de personificação da maldade. Adentrando o século XIX, são muitas as obras em que a figura desses religiosos é alvo de críticas, servindo, muitas vezes, para construir personagens malévolos, como o Loredano de *O Guarani*, de José de Alencar (de 1857). Muitos exemplos podem ser trazidos aqui: *As tardes de um pintor, ou As intrigas de um jesuíta*, de Teixeira e Sousa (de 1847); *O Jesuíta*, peça teatral do mesmo Alencar (de 1875); *Os jesuítas na corte*, romance de António Francisco Barata (de 1877); “Os jesuítas de casa e estola” poema que Sacramento Blake atribui a Álvares de Azevedo (sem data conhecida); *Os jesuítas*, de José Martins Pereira de Alencastre, romance em versos, também atribuído por Blake (sem data conhecida); “Os falsos apóstolos”, versos de Guilherme Braga (de 1871); “A velhice da Madre Eterna”, versos paródicos de Valentim Magalhães & Xavier de Carvalho (de 1885); *Pátria*, de Guerra Junqueiro (de 1896)... Seja como for, a despeito de uma ou outra referência positiva (como em *Inspirações do*

5 Começando com a *Relação abreviada da república que os religiosos jesuítas das províncias de Portugal e Espanha estabeleceram nos domínios ultramarinos*, de 1757, atribuída ao Marquês de Pombal, e com *O Uruguai*, de Basílio da Gama, de 1769.

*claustro*, de Junqueira Freire, ou em *Anchieta, ou o Evangelho nas selvas*, de Fagundes Varela), há uma larga tradição de representar negativamente a figura desses religiosos. No caso da leitura do poemeto acima transcrito de Juvenal-Generino, uma possível interpretação teria muito a ganhar mergulhando nessa tradição literária de um personagem fictício. No caso, o “Jesuíta”, de Juvenal, não teria um referente contextual privilegiado, nem seria assim considerado na leitura; ele remeteria prioritariamente a um elemento textual, cuja lógica, portanto, estaria ancorada na literatura e não no contexto histórico contemporâneo do poema. Em outras palavras, sem possibilidade (e, talvez, sem grande interesse) de chegar a uma improvável pessoa, a saída é dar prioridade e relevo ao personagem. É o que será explicado a seguir, à guisa de conclusão.

### 3 Conclusões

Abordamos acima dois poemetos de Juvenal, publicados n’*O Trabalho*, que constituem dois tipos básicos de produção satírica que nos interessam, quanto a sua relação com elementos contextuais ou extraliterários: no primeiro, há ausência de elementos contextuais; no segundo, temos a presença de elementos contextuais impossíveis de serem reconhecidos. De fato, na perspectiva que aqui adotamos, se poderia pensar mesmo em três tipos. Primeiramente, poemas em que aparecem tais elementos e eles são reconhecíveis. Em segundo lugar, poemas em que se identifica a presença desses elementos, mas não se consegue fazer sua individualização. Finalmente, poemas em que a generalidade é tamanha que esconderia a eventual presença de elementos contextuais específicos. No caso do primeiro tipo, em que há elementos evidentemente contextuais, os versos falam de pessoas, de locais, de situações identificáveis sem grande dificuldade. É o caso, por exemplo, das referências à construção da cadeia pública de Vila Rica, em *Cartas chilenas*, e em um poema de Alvarenga Peixoto (este sem intenção satírica). Diz o Critilo, das *Cartas*:

Segunda vez o sono já tornava,  
Quando o estrondo percebo de outro carro;  
Outra vez, Doroteu, o corpo volto,  
Outra vez me agasalho, mas que importa?  
Já soam dos soldados grossos berros,  
Já tinem as cadeias dos forçados,  
Já chiamo os guindastes, já me atroam

Os golpes dos machados e martelos  
E, ao pé de tanta bulha, já não posso  
Mais esperança ter de algum sossego.

No que toca ao segundo tipo, trata-se de referências contextuais que estão presentes, mas sua identificação é muito problemática ou, por vezes, impossível. É o que ocorre com “Caso de moral”. Um exemplo disso pode ser tirado também das *Cartas chilenas*: as diferentes e, por vezes, contraditórias identificações de personagens dos versos com personagens históricos. Os versos satíricos nos fazem perceber que há, aí, um elemento contextual evidente que é indicado pelo personagem literário, mas não se consegue identificá-lo com um mínimo de certeza.

É o caso de Robério, referido nove vezes pela voz poética de Critilo, sem que se tenha chegado a um acordo, entre diferentes leitores, que ponha fim definitivamente às controvérsias. Rodrigues Lapa (1958, pp. 155-159), em seu fundamental estudo sobre esse poema, põe em dúvida várias das identificações propostas por críticos que se debruçaram sobre a obra, tentando cruzar informações históricas sobre pessoas que realmente existiram, com elementos tirados dos versos (o fato de Robério ser brasileiro, militar, escritor de versos populares etc.)<sup>6</sup>. Ora, o problema aí é justamente o pressuposto de que haveria uma rigorosa correspondência entre o literário e o contextual. A esse pressuposto, agrega-se outro, o de que nenhuma fabulação viria alterar os dados históricos trazidos à cena literária. Sabemos muito bem que não é assim. Antonio Candido (1977, p. 161-186), em “A dois séculos d’O Uruguai”, aponta uma série de transformações realizadas pela voz poética dessa epopeia com respeito aos personagens históricos e à geografia da região onde se desenvolve a guerra das Missões. Se há referências contextuais evidentes em um poema, isso não implica de modo algum que elas não possam ter sido deslocadas, deformadas, alteradas pelo trabalho da criação literária. Se um ou outro elemento está evidente e diretamente calcado em seu referente externo, isso não implica que outros seguiram a mesma lógica. O personagem de Floriano Peixoto, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, baseia-se evidentemente em seu homônimo histórico, presidente do Brasil, mas isso

---

<sup>6</sup> Cf. RODRIGUES LAPA, 1958, p. 158: “Um acaso feliz proporcionou-nos a decifração do enigma, logo confirmada por um documento encontrado pelo ilustre prefaciador deste livro (...). Nesses dois documentos, publicados no apêndice, estabelece-se definitivamente a vocação poética de Robério, que se exercitava precisamente em motivos populares, e a sua graduação militar. Trata-se de um Roberto António de Lima”.

não implica de modo algum que o próprio Policarpo tenha sido inspirado em pessoa de carne e osso. Assim, em muitos casos, ficamos na situação de termos diante de nós um elemento que parece evidentemente apontar para um referente externo, sem que se tenha a menor condição de decidir que referente é esse.

Em consequência disso tudo, os tipos 2 (individualização contextual evidente, com identificação impossível) e 3 (elementos genéricos), descritos mais acima, acabam por reduzir-se a um único. Diante da impossibilidade ou mesmo do desinteresse de reconhecer e identificar esse referente contextual, o leitor deve concentrar-se prioritariamente na armação literária e deixar de lado a busca de correspondências com o contexto. Em outras palavras, a sátira, nesses casos, pode ser lida como uma ficção, em que o leitor reconhece a referência cifrada a elementos fora do espaço específico daquela criação poética. Contudo, trata-se de uma ficção que se dá em dois níveis, pois essa referência externa aos versos, por sua vez, não seria externa ao espaço da fabulação literária. Em consequência, a decifração do que aparece no nível dos versos não seria propriamente uma decifração, mas o exercício de construir relações com um segundo nível ficcional – essa referência externa aos versos a ser proposta como espaço ficcional pelo leitor. No que toca ao tipo 1, essa ficcionalização dos referentes externos da sátira também pode ser feita, evidentemente! O que ocorre, contudo, em geral, é que a facilidade da identificação faz os leitores enveredarem pelo caminho mais aberto, mais evidente.

No caso dos poemas de Generino, sob o pseudônimo de Juvenal, já perdemos boa parte dos referentes a que o poeta se refere, como neste abaixo:

### PRIVILEGIO FUNEBRE

*Aos muito honrados e patrióticos srs. Lycur-  
guinhos*

Não se pode morrer mais nesta terra,  
Em que os pobres mortaes morrem de fome :  
Pois, si a morte nos vota crua guerra,  
O que a morte regeita, o enterro come.

JUVENAL.

*O Trabalho*, 15/06/1873, p. 40.

Ironicamente, a dedicatória do poemeto faz referência aos “Lycurguinhos”, isto é, aos membros do poder legislativo, os Licurgos, que aqui são referendados como honrados e patrióticos<sup>7</sup>. Não podemos afirmar efetivamente a quais legisladores o poeta se refere, por nos faltarem as particularidades dos elementos contextuais, contudo a realidade criticada no poema nos é próxima e atual. Essa realidade constitui o que dá sentido à leitura de hoje, pois nada mais corrente do que admitirmos o direito à morte – tema do poemeto – ou o “privilégio fúnebre” como uma dupla morte, a corpórea e a financeira, já que até para morrer se paga caro. Tema que, nos dias hoje, é tristemente atual!

Há também, nos poemas de Generino-Juvenal, a possibilidade de recuperação de elementos contextuais, fato que, seja dito, vai de encontro à ficcionalização que até agora estávamos abordando. Vejamos:

CAIXA PIA

Porque é que a Caixa pia  
Hoje em dia  
Aos pobres não dá mais nada?  
E' porque... *santo fastio!*  
Pelo Pio  
Como um pinto é depennada!

JUVENAL

*O Trabalho*, 30/07/1873, p. 64.

Como uma crítica àquela sociedade clerical, o poeta traz a “caixa pia” ou caixa de esmolas, acusando a Igreja Católica, na figura de Pio, de roubar o dinheiro dos fiéis, entre eles, como sempre, os mais pobres. Dessa feita, podemos admitir que no poema acima os elementos extratextuais são identificáveis, já que o “Pio” do poema é, muito provavelmente, o papa Pio IX, porém, em nada isso diminui o valor satírico do texto.

Pela análise, assim, desses elementos trazidos através dos poemtos de Generino-Juvenal, a ficcionalização parece ser a melhor estratégia para lidar com essa sátira mais distante no tempo, em que se perderam os elementos contextuais que guiaram sua escrita. A perda do prazer da decifração – aquela piscada de olho que o leitor recebe do poeta e devolve a

<sup>7</sup> “Lycurguinhos” refere-se evidentemente aos legisladores ou governantes gregos de nome Licurgo.



ele – poderia ser substituída pela leitura ficionalizada dos recursos satíricos. Através dela, alarga-se a significação do que, se fosse lido seguindo os limites do contexto do passado, deveria ser obrigatoriamente interpretado de forma fechada, específica. Nesse caso, não interessa tanto o que o eu-poético tem a dizer de fatos e de pessoas seus contemporâneos, interessa o que podemos construir com o que ele nos diz indiretamente do que lemos do contexto passado e do que isso nos faz ver do de hoje.

## Referências

ANDRADE, Adriano da Guerra. *Dicionário de pseudônimos e iniciais de escritores portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 2ª edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

FALCÃO, Aníbal Mesquita; PINTO, Antônio de Souza; SANTOS, Generino dos. *O Diabo a Quatro: Revista infernal*. Recife, 1873.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas Chilenas*. Rio de Janeiro: Minerva Brasiliense: Jornal de Ciências, Letras e Artes, 1845. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=130395>. Acesso em: 12 fev. 2021.

JUNQUEIRO, Guerra. *A velhice do Padre Eterno*. Porto, Portugal: Editores Alvarim Pimenta e Joaquim Antunes Leitão, 1885. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=222121>. Acesso em: 11 fev. 2021.

JUVENAL; PÉRSIO. *Sátiras de Juvenal y Persio*. Trad. Francisco Díaz Carmona, Jose M. Vigil. Madri: Librería de la Viuda de Hernando y Cª., 1892.

MAGALHÃES, Celso de. Colaboração. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 25 jun. 1879. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 11 fev. 2021.

ZILBERMAN, Regina. O Positivismo e a história da literatura brasileira. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org). *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2003.

Recebido em: 8 de março de 2021.

Aprovado em: 15 de junho de 2021.